

Práticas informacionais de sujeitos surdos na Biblioteca Universitária Joaquim Cardozo da UFPE

*Informational practices of deaf subjects at the Joaquim Cardozo University
Library at UFPE*

Joice Dias Costa   

Hélio Márcio Pajeú   

Resumo

O presente trabalho configura-se como um estudo de caso voltado para discutir as práticas informacionais direcionadas aos sujeitos surdos como elemento de inclusão na Biblioteca Joaquim Cardozo (BJC) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com a finalidade de identificar quais práticas informacionais estão sendo desenvolvidas por esses usuários e se os produtos e serviços disponibilizados pela unidade estão de acordo com as necessidades informacionais desse grupo. O trabalho discorre sobre a importância da informação e seu papel para a comunicação que reflete nas práticas informacionais por meio do atendimento e serviços, caminhando para uma mediação adaptada à todo àquele que frequenta os espaços de informação como as bibliotecas. Aborda também que implícito ao atendimento está a necessidade e compreensão do campo da acessibilidade para as práticas de inclusão, em que coloca qual o tipo de acessibilidade se configura na esfera da interação inclusiva com os sujeitos surdos, no caso a acessibilidade comunicacional, e a considerável compreensão daquilo que seja língua e linguagem bem como seu papel social para uma melhor adaptação e entendimento da relevância em inserir e utilizar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma ferramenta de comunicação mais presente no atendimento dentro desses espaços com os sujeitos surdos. A pesquisa caracteriza-se como exploratória uma vez que utiliza de registros bibliográficos que abordem o contexto apresentado e por buscar entender os serviços expressos na unidade estudada, bem como qualitativa explorar por meio de questionário a interpretação dada a esses serviços pelos sujeitos surdos que frequentam o Centro de Artes e Comunicação da UFPE e a biblioteca estudada que está situada no mesmo, tendo por objetivo compreender como eles enxergam a unidade e os serviços prestados por elas e o que pode vir a ser adaptado para melhor atendê-los. Diante dos resultados obtidos com o estudo, percebeu-se a importância em dialogar junto à biblioteca políticas e proposições que beneficiem e se enquadrem nas necessidades informacionais dos sujeitos surdos, bem como a relevância em interagir com esse público para uma melhor adaptação e inclusão de serviços acessíveis aos meios utilizados por eles e de acordo com seus direitos.

Palavras-chave: práticas informacionais; surdo; bibliotecas; acessibilidade.

Abstract

This paper is configured as a case study to discuss the informational practices directed to deaf people as an element of inclusion in the Joaquim Cardozo Library (BJC) at the Federal University of Pernambuco (UFPE), in order to identify what informational practices are being developed by these users and if the products and services made available by the unit are in accordance with the informational needs of this group. The paper discusses the



folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Juazeiro do Norte, v. 8, n. 1, p. 299-326, jan./abr. 2022. ISSN 2447-0120. DOI [10.46902/2022n1p299-326](https://doi.org/10.46902/2022n1p299-326).

importance of information and its role in communication, which reflects on informational practices through customer service and services, moving towards a mediation adapted to all those who frequent information spaces such as libraries. It also addresses that implicit to the service is the need and understanding of the field of accessibility for inclusion practices, in which places what type of accessibility is configured in the sphere of inclusive interaction with deaf individuals, in this case the communicational accessibility, and the considerable understanding of what is language and language as well as its social role for a better adaptation and understanding of the relevance of inserting and using the Brazilian Sign Language (Libras) as a communication tool more present in the service within these spaces with deaf individuals. The research is characterized as exploratory since it uses bibliographic records that address the context presented and for seeking to understand the services expressed in the unit studied, as well as qualitative explore through a questionnaire the interpretation given to these services by deaf individuals who attend the Center for Arts and Communication of UFPE and the library studied that is located there, aiming to understand how they see the unit and the services provided by them and what can be adapted to better serve them. Given the results obtained with the study, it was realized the importance of dialogue with the library policies and propositions that benefit and fit the information needs of deaf people, as well as the relevance of interacting with this audience for a better adaptation and inclusion of accessible services to the means used by them and according to their rights.

Keywords: informational practices; deaf; libraries; accessibility.

1 Introdução

A informação é uma ferramenta essencial e fundamental para a atividade de comunicação dentre as pessoas e a necessidade em disponibilizá-la para todo e qualquer indivíduo que precise é papel de profissionais que estejam aptos e flexíveis quanto às mudanças que surgem, refletindo por meio dessa disponibilização o cunho liberal e humanista do bibliotecário que se enquadra e representa de forma saliente esse papel. Diante disso o profissional da informação precisa estar preparado para as mudanças que ocorrem socialmente e refletem nos ambientes em que atua, levando à inovação não apenas de seu próprio ofício, mas de serviços importantes dentro das bibliotecas, como por exemplo, a disseminação da informação e as ferramentas que possibilitem isso.

Durante a formação do bibliotecário é necessária determinação para alcançar essas mudanças por meio das disciplinas já existentes que reforçam nossas bases e estruturas quanto ao graduar-se bibliotecário e os produtos e serviços que implicam no seu papel em lidar com àqueles que precisam de informação. Como reflexo dessas mudanças sociais dentro das bibliotecas, temos a frequente presença de alunos surdos nas academias que buscam por uma educação mais segura e concreta nesses espaços, uma vez que a legalidade que foi concedida à eles no ano de 2002 com a Lei de 10.436 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e suas providências, como sua inclusão como disciplina curricular por meio obrigatório e eletivo se torna cada dia mas presente. Pupo (2008, p. 13) já nos falava que “numa sociedade que pretende ser inclusiva, o acesso ao conhecimento se faz ao construir canais que possibilitem ao livro falar na diversidade de línguas, ouvidos e olhos que temos”.

Atualmente, estamos lidando com a percepção de que cada dia mais é necessário um ajuste em nossas ações e serviços dentro das bibliotecas por meio da acessibilidade, um tema bastante presente e inclusivo. Não apenas no âmbito físico, mas dentro das diversas tipologias que atendem à acessibilidade específica para cada um e em cada serviço das bibliotecas, pois cada dia mais é notório a importância e necessidade de que as unidades de informação busquem se adequar a essas pautas. Portanto, o presente trabalho é decorrente da busca por entender como uma biblioteca universitária oferta seus serviços para os alunos surdos dentro de suas necessidades informacionais em específico, por meio de práticas que se adequem aos contextos voltados para eles, onde intenta focar nosso olhar em como as unidades universitárias veem lidando com a Pessoa com Deficiência (PcD), nesse caso auditiva, tendo por propósito a quebra de barreiras nas relações interpessoais no âmbito da informação.

Para a Ciência da Informação (CI) àqueles que estudam a informação estudam problemas e esses problemas que surgem são recortes de contextos que a constituem. Sendo essa área então, um campo que estuda as propriedades e o comportamento, as forças e fluxos e os meios para desenvolver a acessibilidade e o uso de tudo aquilo que diz respeito à informação, caracterizando-se diante disto como uma área interdisciplinar, ela torna-se “uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação” (SARACEVIC, 1996, p. 42), por relacionar contextos de diversas áreas com um único propósito, aprimorar o estudo informacional e o seu objetivo para àqueles que dele precisam. Ainda em seu âmbito, alguns autores avaliam o conceito de informação como algo a ser bastante explorado; como para Capurro (2003), que defende ser primordial a realização de estudos epistemológicos sobre os terrenos de atuação da CI que expõem semelhanças e divergências existentes entre o conceito de informação e sua utilização e prática em relação às outras áreas de atuações científicas, terrenos esses que são vastos e apresentam contextos de finalidade essencial para a atuação e presença da informação e suas ferramentas. A sociedade, atualmente, é um exemplo dos reflexos das inúmeras mudanças advindas dos diversos segmentos sociais que roteirizam nossas transformações e a informação desempenha um papel central e importante em tudo isso. Wersig e Nevelling (1975, p.43) afirmam que “atualmente, transmitir conhecimento para àqueles que dele necessita é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o verdadeiro fundamento da CI”.

De acordo com Araújo (2018) após a expansão da CI diante das suas manifestações e de se compreender qual o tipo de ciência que ela deveria ou

poderia ser, surgiram três características atribuídas a ela, sendo a primeira relacionada à questão da interdisciplinaridade, vista como algo intrínseco à área, a segunda que se reflete na idéia de enxergá-la como uma ciência pós-moderna por conta das mudanças nos diversos campos da existência humana e a terceira caracteriza-se por situá-la como “uma ciência humana e social” (ARAÚJO, 2018, p. 39).

Juntamente com essas características que refletem a visão do autor, uma vez que existam outras áreas consideradas por outros autores, ele nos traz as subáreas relacionadas ao campo da CI que vieram a desenvolvê-la e estruturá-la, sendo elas a Comunicação Científica, o Comportamento Informacional, a Organização do Conhecimento, a Gestão da Informação e do Conhecimento, a Economia Política da Informação e os Estudos Métricos. Dentre todas, duas dessas subáreas refletem o contexto que virá a ser abordado neste trabalho; o Comportamento Informacional que tem por base o Estudo de Usuário, que em suma busca compreender “o que é a informação do ponto de vista das estruturas mentais dos usuários que se relacionam (que necessitam, que buscam e que usam) a informação” (ARAÚJO, 2018, p. 39) e a Gestão da Informação e do Conhecimento que refletem os serviços de informação e suas práticas. Retomando a colocação de Saracevic (1996) quando fala que a CI é uma participante ativa no desenvolvimento da sociedade da informação, sendo assim, pensamos então nos reflexos desse desenvolvimento e o quanto eles moldam os espaços que lidam com a informação, os profissionais que nela atuam e, principalmente, os usuários que dela necessitam. A partir do momento em que nos facultamos a estudar, entender e questionar esses usuários surge a proposta de refletir, aprimorar e buscar desenvolver os contextos que de fato a CI aborda com o propósito de melhor oferecer e disponibilizar serviços e conteúdos àqueles que buscam a informação dentro de seus respectivos fundamentos e necessidades.

As bibliotecas são os espaços responsáveis por orientar pensamentos na busca por respostas às dúvidas que os permeiam e relacionado à isso estão seus serviços e as formas como esses serviços e ferramentas expressas por elas se adequam, atenuam ou sanam os problemas que surgem. Por ser um espaço que pauta informar e tornar acessível para todos àqueles que a frequentem, conteúdos que estruturam e reforcem ideias e pensamentos, é necessário compreender como seus serviços vêm sendo constituídos e adequados ao público que utiliza deles, garantindo o acesso e acessibilidade de todos. Refletindo não apenas sobre os serviços, mas também sobre as competências

daqueles que atuam nesses espaços e como eles vêm trabalhando as inovações sociais que se tornam presentes, como a crescente demanda de alunos surdos nas universidades. Atualmente, no ambiente acadêmico, vemos uma grande demanda de sujeitos surdos e fica claro o quanto eles no decorrer do tempo veem sendo inseridos na comunidade acadêmica e buscando por elas, demanda essa que é um reflexo dos direitos assegurados por legislações tanto nacionais como internacionais, e que resultou das constantes lutas das PcD's em seus respectivos âmbitos. Isso é um reflexo e uma percepção muito recente, pois há algum tempo não nos deparávamos com uma configuração de inclusão tão expressiva quanto a que vemos hoje. Tais contextos no âmbito universitário implicam em todos os espaços presentes nas universidades e dentre eles as bibliotecas por serem os espaços que lidam com a informação de forma organizada e orientada aos alunos de modo geral e um ponto de partida dentre todos àqueles que ingressam no ensino superior.

Nas Instituições de Ensino Superior (IES), verifica-se um crescimento e desenvolvimento na demanda de alunos surdos ou com deficiência auditiva que se matriculam, sendo essas instituições de caráter público ou privado. De acordo com o Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa (INEP) (INSTITUTO..., 2020), no ano de 2018 houve um número de 2.235 alunos surdos e 5.978 com deficiência auditiva ingressos, enquanto que em 2019, tivemos um número de 2.556 alunos surdos e 6.569 alunos com deficiência auditiva nas universidades. Os presentes dados nos fazem refletir a respeito do papel das bibliotecas universitárias e como as mesmas estão agindo diante desses ingressantes, assim como, quais serviços e produtos presentes em seus espaços se adequam à esse público. Portanto nos questionamos nesse estudo sobre quais as práticas informacionais que podem vir a ser desenvolvidas nas bibliotecas universitárias diante das necessidades informacionais dos sujeitos surdos que a utilizam? E quais os serviços de informação que elas apresentam para esses alunos dentro de suas necessidades informacionais? Bem como diante de uma possível ausência de suporte à PCD's, o que pode ser feito relacionado aos seus produtos e serviços com base na opinião desses alunos, em específico o surdo?

A possibilidade de acesso se faz intrinsecamente importante para o desenvolvimento da sociedade e cidadania de cada um, pois, uma vez que a informação é a ferramenta que estrutura o conhecimento das pessoas ela direciona de forma clara o cidadão a participar de forma ativa nos espaços, mostrando-se autônomo e crítico diante dos fatos. Pensando assim e direcionando esse contexto aos sujeitos surdos, vemos o quão importante é

repensar e estruturar nossos espaços e ferramentas de atuação voltadas à eles, o que deixaria clara nossa intenção por adaptações inclusivas em nossas bibliotecas. Em consequência de nos adaptarmos às mudanças sociais e encararmos o crescimento desse público, expandimos nossa forma de organizar, classificar, disponibilizar nossos produtos e serviços, o que também nos impulsiona a reforçar a interação com esse grupo de discentes e atualizar nossos profissionais atuantes nos espaços de informação (bibliotecas) para que possuam coerência com àquilo que buscam desde o princípio de sua formação que é favorecer o acesso à informação para todo e qualquer indivíduo em seus espaços. Sendo assim, voltar o olhar para essas mudanças e buscar por adequar as bibliotecas e unidades de informação para todos àqueles que se utilizam de seus serviços é algo explicitamente necessário, pois tal iniciativa viria a melhorar os serviços e a qualidade daquilo que é disponibilizado no âmbito informacional.

2 A língua como ferramenta para a inclusão social

A comunicação é uma das ferramentas primordiais para interpretação e entendimento das dúvidas expressas. Ela é a ponte que liga a dúvida a resposta, o meio que produz a relação necessária para obtenção de resultados condizentes com àquilo que é buscado pelo usuário. Existem diversos tipos de comunicação (verbal, escrita, oral, não verbal, por meio de gestos, entre outras) e toda comunicação tem por objetivo a transmissão de uma mensagem, uma ideia, um contexto, uma necessidade, uma informação. Ela é uma característica intrínseca a todos os seres e o seu uso permite o convívio social, por meio do compartilhamento de experiências, culturas e sentimentos diversos.

A linguagem como habilidade, de acordo com Martelotta, Cunha e Costa (2008, p. 15) “é a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas”, sendo a língua definida como um sistema de signos vocais que venham a ser utilizados como meio de comunicação dentre membros de um grupo socialmente organizado ou de uma comunidade. Esses três conceitos; comunicação, linguagem e língua, estão estritamente interligados e diretamente ligados à natureza humana, no caso, a capacidade humana formada por estas combinações, o que resulta no desenvolvimento do pensamento, construindo conhecimento e constituindo o próprio sujeito por estar presente nele, sendo assim indispensável seu papel nos processos mentais, assim como nos sociais, “a linguagem e a língua não podem ser pensadas separadamente, pois estão indissolúvelmente ligadas” (GOLDFELD, 2002, p. 18). A manifestação linguística,

que trata da expressão do pensamento se apresenta sob diversas formas, atribuídas a gestos, olhares, danças e músicas, esculturas, culturas e símbolos.

Quando falamos de linguagem, a busca pela compreensão da mesma nos remete a dois grandes representantes no estudo da mesma e suas compreensões sobre a língua; Ferdinand Saussure e Mikhail Bakhtin, em que o primeiro traz a questão da língua como um sistema de regras e o segundo acreditava que todas as esferas inclusas na rotina humana e suas atividades, em suas variedades, se relacionam com a língua, porém, ambos nos levam a compreender a importância e o papel da língua para uma sociedade ou grupo.

O que podemos compreender diante das colocações de Bakhtin e que melhor se aproximam daquilo que pretende o presente estudo é que, há essa necessidade em haver uma troca, um diálogo, para que, de fato, possamos compreender as necessidades alheias, assim como, poder melhor interagir com aqueles que se dirigem à nós, independentemente de como seja a forma como se externe a língua, pois “a língua é social porque é ideológica e centra-se no dialogismo, visto que todo dizer é dito por alguém e para alguém, em determinado contexto sociocomunicativo, sempre visando a efeitos específicos” (NUNES, 2017, p. 21).

Perini (2010, p. 2) salienta que “a língua falada por um povo é parte da imagem que esse povo tem de si mesmo, em certos casos ainda mais significativos do que as unidades políticas em que o povo se organiza”. A fala que pode ser definida como a utilização oral da língua pelo indivíduo, porém, torna-se individual, pois, cada um escolhe o que lhe convém conforme seu gosto ou necessidade, situação, personalidade ou até mesmo o ambiente sociocultural no qual vive, resultando assim em sua maior parte de comunicação, a posição do indivíduo, com relação aos meios que utiliza. Com base nisto, podemos compreender que não se pode buscar ou realizar uma inclusão sem que se destaque e leve em consideração as necessidades específicas sociais de cada um, em especial, daqueles que possuem deficiência e dificuldades voltadas para o desenvolvimento linguístico ou que impliquem nesse processo. Portanto, trazemos como destaque nesse trabalho a realidade dos sujeitos com limitações auditivas que nos revelam essas especificidades linguísticas ainda ignoradas pela sociedade, no âmbito da acessibilidade comunicacional, prevendo por meio disto a quebra de barreiras nas relações interpessoais no âmbito informacional, sendo representado aqui pela biblioteca e o seu papel.

Como ferramenta que represente esta relação está a Libras que é uma língua social, em que “devido a sua estrutura, permite a expressão de qualquer conceito

e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano” (BRITO *et al.*, 1998, p.27) permitindo-se ser comparada a expressividade e complexidade da língua oral por passarem conceitos, concretos ou abstratos, complexos ou simples, etc. É uma língua organizada e não uma simples junção de gestos, sendo por este motivo chamada de língua.

A compreensão e uso da Libras é um ponto a salientar dentre instituições que possuem a função de repassar e disponibilizar a informação, dando acesso total à elas, nesse caso, esses ambientes precisam estar atentos a qualquer necessidade, voltando seu olhar não só aos ouvintes como também aos que possuem algum tipo de deficiência, sejam elas físicas, visuais ou auditivas. A definição dessa lei e oficialização da mesma nos leva a analisar melhor a importância de sua legalização, o valor contextual direcionado ao público que representa e reconhecimento de que a Libras e os representantes da mesma, no caso o surdo, precisam ser inclusos e possuir meios e serviços de informação adequados nas bibliotecas. Sacks (2010) fala que, a língua de sinais é para os surdos uma adaptação única a outro modo sensorial; mas é também uma corporificação da identidade pessoal e cultural dessas pessoas. Ou seja, o fato de incorporar essa língua nos diversos âmbitos sociais informacionais é uma forma de inclusão e coerência com a prática da mediação coletiva e cultural de cada ser.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua social, que surgiu do convívio entre pessoas, voltada para o público surdo. Apresenta a mesma complexidade e expressão gramatical da nossa Língua Portuguesa, não sendo apenas uma junção de gestos. Foi idealizada por homens que propiciaram o resgate de um sistema de comunicação, através do meio gesto/visão. Sua configuração é diferente e por ser uma língua de modalidade gestual visual a mesma não teve sua origem da língua portuguesa que é constituída pela oralidade, portanto é considerada oral-auditiva, mas teve sua origem em outra língua de modalidade gestual visual, a Língua de Sinais Francesa (LSF), apesar de a língua portuguesa ter influenciado diretamente a construção lexical da língua brasileira de sinais, mas apenas por meio de adaptações por serem línguas em contato (ALBRES, 2005, p. 1).

3 A biblioteca universitária e seu papel social

A biblioteca é considerada uma das instituições mais antigas, embora sua estrutura, utilidade e formas de administração tenham mudado ao longo dos tempos. Sua capacidade em se transformar de acordo com as transformações do tempo e adaptar-se à elas a torna um organismo em constante mudança e diferentes tipos específicos a si. Antes de chegarem à essa percepção social e presente, na antiguidade as bibliotecas eram bastante diversas e distintas entre si, existindo vários tipos e especificidades para tal.

Tratando especificamente da biblioteca universitária e compreendendo seu contexto histórico, percebemos o seu espaço como algo que está voltado para promover o acesso à informação, contribuir com o ensino, a pesquisa e a extensão da comunidade acadêmica visando à produção de novos conhecimentos que se configuram em benefícios para toda a sociedade. De acordo com Araújo, Oliveira e Bezerra (2017, p. 1019):

A biblioteca universitária é um ambiente de informação engajado com a missão da instituição e que presta serviços de informação conforme as exigências do Ministério da Educação (MEC), oferecendo a seus usuários diferentes suportes informacionais necessários ao tripé ensino, pesquisa e extensão, ela deve ajustar um ambiente físico apropriado para a realização das atividades acadêmicas.

Devido à característica específica da biblioteca universitária, qual seja atender alunos, servidores e pesquisadores das universidades, percebe-se um trabalho tradicionalmente bem gerenciado e executado nesses espaços, por meio da disponibilização de bens e produtos informacionais, atendendo os anseios e expectativas demandados pela comunidade usuária (SANTA ANNA; PEREIRA; CAMPOS, 2015). Sendo assim; levar, disseminar e compartilhar da informação em seus diversos suportes é uma das funções essenciais das bibliotecas, assim como promover diversificação, inovação e várias demandas que envolvem a cultura e práticas que estão para além das atividades técnicas, o que a configura não só como informacional, mas social por ser um espaço que abraça a troca de ideias, experiências e a convivência.

Por ser um organismo em constante mutação, no tempo presente as bibliotecas precisam adequar-se as mudanças que vem ocorrendo na própria comunidade acadêmica, de forma que seus serviços estejam de acordo com as necessidades daqueles que a frequentam e utilizam os mesmos, tornando-se “um ambiente democrático, acessível à todos” (MIRANDA; MIRANDA, 2015, p. 9). Faz parte

dessas mudanças a questão tecnológica, que em suma, vem se destacando devido ao advento da internet, juntamente com suas facetas que se configuram em tecnologias da informação e comunicação e se refletem nas ferramentas agregadas e utilizadas nesses espaços, como catálogos online dentre outros serviços, o que nos remete a questão da arquitetura da informação e usabilidade.

Porém, é necessário destacarmos o seu papel social, uma vez que se configura como um espaço que está para a comunidade acadêmica, comunidade essa que hoje se expressa de forma diversa. Essa diversidade se exemplifica na questão dos vários discentes que ingressam em seus espaços e o contexto que melhor define e motiva essa variedade é a inclusão social que está voltada para todos, sem exceções, com destaque nesse estudo para o ingresso de pessoas com deficiência auditiva. Pupo e Vincentini (1998) nos alertam que a biblioteca tem sua função social no sentido de contribuir para que, minimamente, os imperativos legais por meio de leis e normas em defesa da dignidade do deficiente se estabeleçam.

Sendo espaços de difusão do conhecimento por excelência, as bibliotecas universitárias, assim como todas as demais unidades de informação, têm evoluído com o passar do tempo a fim de atender não apenas às necessidades de informação do público, como também no sentido de acompanhar as mudanças no campo das tecnologias da informação e comunicação, assim como as mudanças de nível comportamental dos usuários, cada vez mais conectados (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 174).

O primeiro reflexo como dito anteriormente é a própria inclusão, ou seja, pensar inclusivo e praticar a inclusão. Como a própria definição do termo se apresenta como a tomada de meios e ações que combatem a exclusão e os benefícios do convívio em sociedade, intencionando a oferta de oportunidades iguais de acesso à serviços prestados em todo e qualquer espaço, tanto a biblioteca, como os serviços prestados por ela, precisam ser repensados com o objetivo de incluir, diferentemente de integrar apenas. Por meio da própria inclusão é retomada a questão da diversidade, onde somos levados a pensar nos perfis de sujeitos que frequentam as bibliotecas universitárias e suas respectivas necessidades, sendo eles; crianças, jovens, adultos, com ou sem deficiência, etc. Porém, ao adentrarmos no âmbito da deficiência, se pode especificar ainda mais os seus tipos, o que nos leva a refletir sobre as necessidades de cada pessoa com deficiência e as formas e meios que podemos utilizar em nossas bibliotecas para

melhor ajudá-los e permitir um uso coerente com aquilo para o qual se configuram as bibliotecas universitárias.

A presença de produtos e serviços adequados de informação, a presença de algo que represente a comunidade acadêmica e toda sua variedade de perfis, onde futuramente possamos nos ver diante de bibliotecas universitárias que tornem a cultura, os trabalhos produzidos e até mesmo funcionários que fazem parte deste público e dessa mudança, algo mais presente. As bibliotecas universitárias são os espaços que desempenham um papel importante no âmbito da mediação e transformação das competências desenvolvidas pelos discentes nos espaços acadêmicos e também nas necessidades que os mesmos possuem relacionada à informação de seu espaço ou comunidade, seja interno ou externo.

Macedo e Dias (1992, p. 43) corroboram isso ao falarem que o objetivo geral e essencial de uma biblioteca universitária é “promover a interface entre os usuários e a informação estocada na biblioteca”, nesse caso, organizando coleções, disseminando a informação e a orientação de seu uso e controlando de forma operacional o sistema de informação. Com base nessas percepções podemos compreender que a biblioteca universitária tem por fundamento a oferta de serviços e produtos de informação que auxiliem o grupo de usuários que a frequente, incluso aqui, funcionários, docentes, pesquisadores e principalmente discentes, por meio de um acervo organizado, atualizado, pertinente às necessidades de cada um que precise dele e principalmente, acessível.

4 Dos estudos de uso e usuários às práticas informacionais como mediação da informação na biblioteca universitária

Quando buscamos contextualizar os aspectos epistemológicos relacionados à Ciência da Informação não é fácil identificar o prelúdio de sua história, porém por meio de outras áreas do conhecimento foi possível construir uma demanda de experiências que possibilitaram explicar os fenômenos da informação. Das décadas de 1960 e 1970 é possível identificar correspondentes que por meio da teoria da informação e comunicação asseguraram novos sistemas de informação que visavam a representação da informação; em 1980 com o advento da internet, a ideia do hipertexto e sistemas da informação ampliou fronteiras e alcançou a sociedade. Os mecanismos de busca e disseminação da informação, técnicas de armazenagem e recuperação, dentre outros são alguns exemplos.

As bibliotecas e os centros de documentação tiveram um grande papel diante dessas mudanças, pelo fato delas tratarem a informação em um contexto voltado para o social e na busca pela difusão do conhecimento. Por ser uma das raízes da Ciência da Informação, de acordo com Capurro (2003), a Biblioteconomia nos leva às próprias origens da sociedade humana compreendida como rede de relações baseadas na linguagem, ou seja, no âmbito hermenêutico na qual;

Os entrecruzamentos metafóricos e metonímicos permitem não apenas manter fluido o mundo das convenções e fixações que tornam possível uma sociedade humana relativamente estável, como também permitem gerar a capacidade de perguntar pelo que não sabemos a partir do que cremos que sabemos (CAPURRO, 2003, p.5).

Junto com a Biblioteconomia, Capurro (2003, p. 5) nos explica que a área da Computação Digital também se enquadra como uma das raízes da Ciência da Informação, por meio de seu caráter tecnológico que aborda os impactos da tecnologia nas áreas de produção, coleta organização, interpretação, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação, o que já nos traz à luz um dos paradigmas epistemológicos da Ciência da Informação. Os paradigmas são modelos que padronizam determinados assuntos dentro de um contexto e no caso da Ciência da Informação existem três modelos a serem compreendidos que se enquadram nos contextos sobre Estudos de Uso e Usuário, Necessidades de Informação e Comportamento Informacional e as Práticas Informacionais, são eles: o Físico, o Cognitivo e o Social. Esses paradigmas são formas de conceituar a informação e conduzir as pesquisas realizadas na area (CAPURRO, 2003).

Esses modelos nessa respectiva ordem dialogam com cada um dos conceitos relacionados aos *Estudos de Usuários ou Estudos de Uso* que são investigações realizadas para se compreender o que os indivíduos precisam em matéria de informação, buscando identificar as necessidades informacionais que os mesmos possuem quando se dirigem a uma biblioteca ou unidade de informação e se as mesmas estão sendo efetuadas de forma adequada, ou seja, podemos compreender que os estudos de uso da informação “são estudos que buscam levantar dados quantitativos sobre os atributos (em geral, sociodemográficos) dos usuários” (ARAÚJO, 2020, p. 42); ao *Comportamento Informacional* que toma por abordagem àquilo que as pessoas necessitam, buscam, fornecem e usam da informação em diferentes contextos, incluindo o espaço de trabalho e a vida diária; e a *Necessidade de Informação* que pode ser compreendida como um

estado ou processo no qual alguém percebe a insuficiência ou a inadequação dos conhecimentos necessários para alcançar um objetivo ou solucionar certos problemas, o que implica em questões formadas por pontos cognitivos, afetivos ou situacionais.

Os conceitos que definem tanto os Estudos de Uso e Usuários, assim como o Comportamento Informacional e a Necessidade de Informação, acompanharam as diferentes formas e características de se estudar a informação sob a perspectiva dos sujeitos (BERTI; ARAÚJO, 2017), e são essas diferenças que nos ajudam a moldar nossas unidades de informação, buscando por meio disso ações positivas para que todos se sintam abraçados por seus serviços e propostas informacionais.

Como uma alternativa ao caráter restritivo e 'asfixiante' do conceito de 'comportamento informacional' (um indivíduo que, a partir de um estímulo externo, procura um sistema de informação para satisfazer sua necessidade de informação), alguns pesquisadores do campo de estudos de usuários da informação propuseram o conceito de 'prática informacional' (ARAÚJO, 2017, p. 228).

O pensamento inicial para o conceito de Práticas Informacionais parte do quadro intelectual das ciências humanas e sociais e todo seu âmbito, nesse contexto então nos deparamos com escolas e tradições de pesquisas diferentes e conceitos diferentes (ARAÚJO, 2017).

É nesse sentido que estudar as práticas informacionais constitui-se num movimento constante de capturar as disposições sociais, coletivas (os significados socialmente partilhados do que é informação, do que é sentir necessidade de informação, de quais são as fontes ou recursos adequados) e também as elaborações e perspectivas individuais de como se relacionar com a informação (a aceitação ou não das regras sociais, a negociação das necessidades de informação, o reconhecimento de uma ou outra fonte de informação como legítima, correta, atual), num permanente tensionamento entre as duas dimensões, percebendo como uma constitui a outra e vice versa (ARAÚJO, 2017, p. 220-221).

Logo, as *Práticas Informacionais* podem ser compreendidas como a busca por informação pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que se compreendam os usuários e a informação em espaços diferentes, independentes porém recíprocos (BERTI; ARAÚJO, 2017), ou seja, ela reflete as práticas de busca e uso informacional em diversos contextos,

independente de como sejam realizados. Muitos modelos podem vir a ser encontrados dentre tantos estudos que utilizam da definição de práticas informacionais para compreender certos espaços, estudos recentes destacam diferentes dimensões e ações que envolvem o contexto de práticas informacionais.

Berti e Berti (2017) concebem que a compreensão, portanto, frente aos estudos de usuários da ciência da informação, é que a informação não é somente determinada por um fator externo que se ajusta perfeitamente às necessidades, como proposto pelo comportamento informacional, mas por um conjunto de fatores humanos, pessoais, sociais, individuais e coletivos que determinam sua aderência. Dentre as atividades abordadas na biblioteca, uma que exemplifica uma prática informacional e se aproxima da necessidade de inserção e uso da Libras é a mediação por parte do bibliotecário que se configura como um agente social, no qual representa o papel da intervenção ou ação de conciliação.

De acordo com Santos Neto (2014, p. 63), existem diversas modalidades da mediação e a utilização do termo por diversas áreas do conhecimento, porém no âmbito ao qual o estudo se dirige nos referimos especificamente a Mediação da Informação (MI). Segundo Gomes (2010, p. 87); “para tratar de mediação, de início, é preciso situá-la como ação vinculada à vida, ao movimento, ao processo de construção de sentidos.” De acordo com ela, a mediação possui relação com a comunicação, processo que é intersubjetivo, produto da dialética e da construção de sentidos (GOMES, 2010). Almeida Junior (2015, p. 25) nos traz uma definição mais clara sobre a mediação informacional, quando fala que a mesma é:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Olhando então por essa definição, acreditamos que a mediação da informação é uma atividade que uma vez colocada em prática vincula-se perfeitamente a ideia de utilização da língua como uma das ferramentas para exercer a responsabilidade social do bibliotecário e as práticas informacionais que incluam ferramentas de acesso com as necessidades do público especial, em específico pelo estudo de sujeitos surdos que fazem uso da biblioteca, adequando suas

ações dentro das bibliotecas, promovendo e incorporando aos seus afazeres a acessibilidade e a inclusão de pessoas com deficiência nas suas áreas de atuação, buscando assim realizar um contato maior com usuários nessas condições por meio dos meios de comunicação que eles utilizam também.

5 Procedimentos metodológicos

O trabalho se configura como um estudo de usuários sob a perspectiva de um estudo de caso, uma vez que se dedica ao estudo intenso de situações do passado, que possam ser associadas a situações presentes, em relação a uma ou algumas unidades sociais: indivíduos, grupos, instituições, comunidades; com uma abordagem qualitativa por trazer dados estatísticos e apresentar dados subjetivos ao identificar e analisar dados com inferências que não podem ser mensurados estatisticamente (GIL, 2002). Arquiteta-se por meio de caráter exploratório onde buscar aprofundar e apurar ideias, bem como construir hipóteses, com procedimento bibliográfico e utilização de levantamento de dados (GIL, 2002) utilizando-se para isso da aplicação de questionário.

Para a composição do estudo foi selecionada a Biblioteca Joaquim Cardozo situada no Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, que atende aos Departamentos e Cursos do Centro de Artes e Comunicação. Como recorte do objeto, foram selecionados apenas os alunos do Departamento de Letras/LIBRAS para participarem do estudo, uma vez que é o departamento que apresenta um curso no CAC que possui o maior número de alunos surdos ou com alguma deficiência auditiva. Optou-se pela Biblioteca Joaquim Cardozo uma vez que a mesma se configura como uma biblioteca universitária e está situada em um centro que apresenta um curso especificamente voltado para o público alvo da pesquisa, no caso Letras/LIBRAS, assim como também o curso de Biblioteconomia, uma vez que o contexto desse estudo é de suma importância para ambas às áreas. Foi enviado à cada coordenação do departamento de cada curso presente no centro um e-mail, apresentando o objetivo da pesquisa e questionando à respeito da presença de discentes surdos para o presente estudo, ocorrendo o retorno de cada uma dentro de uma semana, desse retorno, como citado anteriormente, apenas o departamento de Letras trouxe uma respostas positiva ao apresentar um curso com discentes surdos. Com relação a biblioteca, entrou-se em contato diversas vezes com a coordenadora responsável pela unidade, onde se obteve como retorno a informação de que, de fato, a biblioteca não apresenta serviços que estejam voltados para esse público, bem como o acervo é escasso frente à

documentos e livros que tratem do context cultural e histórico desse grupo e funcionários que não estão preparados para lidar com sujeitos surdos na ausência de um intérprete.

Para cumprir com os objetivos específicos, o foco do estudo delimitou-se ao contexto das Práticas Informacionais na biblioteca selecionada a partir da perspectiva da Acessibilidade Comunicacional, o que traz a característica de uma pesquisa bibliográfica que de acordo com Gil (2002, p. 44) é àquela que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, tendo por finalidade acesso a literatura produzida dentro de um determinado contexto. O levantamento bibliográfico ocorreu dentre os anos de 2019 e 2021. O estudo também se configura como documental, uma vez que utilizou da presente análise para “a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social” (SILVA *et al.*, 2009, p.4557), por meio de documentos legislativos, tais como: a Lei 12.527 (Lei de Acesso), a Lei 13.146 (Lei de inclusão) e a Lei 10.098 (Lei de Acessibilidade) para estrutura de contextos referentes ao assunto abordado.

Foi realizado um levantamento de trabalhos em duas bases de dados; a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e o Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), dentre os anos de 1988 e 2019, utilizando os seguintes termos: Acessibilidade, Acessibilidade Comunicacional, Serviços Informacionais, Práticas Informacionais e Estudos de Usuários.

Esses resultados foram cruzados com a finalidade de filtrar e utilizar no estudo contextos semelhantes e que melhor se adequassem ao objetivo do mesmo, bem como autores que trabalham com essas temáticas, como Sasaki (2002; 2005) que possui grande representação no campo da acessibilidade e Pupo (2008) em contextos que abordam a acessibilidade dentro de bibliotecas. A escolha dentre os filtros realizados nas buscas feitas nas bases de dados partindo do ano de 1988, ocorreu por dois motivos: o primeiro é que foi na década de 1980 que os estudos voltados para as questões de visualizar a acessibilidade como inclusão tiveram impulso; o Segundo pelo interesse em compreender se a partir de 1988 (ano da Promulgação da Constituição Brasileira, uma lei fundamental e que serviu de parâmetros para todas as outras espécies normativas) esse assunto era algo relevante dentre os assuntos sociais na época. Por meio desse

levantamento bibliográfico também foram buscados referenciais que configurassem aquilo que seriam as práticas informacionais voltadas para os sujeitos surdos em bibliotecas, de forma que o assunto abordado no estudo deixasse claro à quem o mesmo está sendo direcionado e nos fizesse enxergar a biblioteca pelo olhar das necessidades informacionais de um sujeito surdo.

Diante dos resultados muitos dos trabalhos encontrados abordavam os contextos buscados, bem como serviços necessários às pessoas com deficiência, mas nenhum trazia de forma clara e específica a questão das práticas informacionais dentro do contexto da acessibilidade voltada para sujeitos surdos no âmbito da comunicação dentro de bibliotecas.

6 Resultados e discussão

O método de coleta de dados se deu pela aplicação de um questionário semiaberto que nos proporcionou orquestrar as categorias de análises usadas para averiguar os resultados, o mesmo foi aplicado aos discentes do curso de Letras/LIBRAS por meio de envio à Coordenação do curso por e-mail para que a mesma destinasse o questionário aos discentes. A princípio o questionário seria aplicado de forma presencial com acompanhamento de intérprete, porém devido à pandemia esse formato não foi possível, sendo então realizada a aplicação por meio de questionário virtual. O curso de Letras/LIBRAS UFPE é composto por discentes surdos, ouvintes (que saibam LIBRAS) e muitas vezes alunos de outros cursos que buscam aprender sobre a língua, bem como de outros departamentos que tem em sua grade curricular a disciplina de Libras como obrigatória a partir da exigência do Ministério da Educação, que por meio da legalização da língua, com o decreto de nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, regulamentou e legalizou a lei de nº 10.436 expressa em 24 de abril de 2002, que reconhece oficialmente a Libras, o que garantiu formas institucionais de apoio ao uso e difusão da Libras como meio de comunicação pelas comunidades surdas de forma objetiva e de uso corrente, estipulando por meio disso que instituições e unidades de serviços públicos de assistência a saúde, forneçam atendimento e tratamento adequado aos deficientes auditivos e determinou sua inserção como disciplina curricular obrigatória nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério, nos níveis médio e superior e de forma eletiva em outros cursos.

O questionário foi aplicado no período de 12 de novembro de 2020 a 22 de janeiro de 2021 contendo 22 questões mais um vídeo que traduzia as questões para a Libras realizado pela intérprete Emanuelle Melo da Silva e o editor de vídeos

Ebenezer Melo da Silva. As perguntas foram fechadas e abertas, onde em algumas delas foi utilizada a Escala Likert uma vez que era preciso compreender as atitudes e comportamento, bem como a valoração dos discentes quanto aos serviços já existentes ou não na unidade estudada e a opinião deles por meio dos níveis de intensidade de uma extremidade à outra à medida que eles respondiam tais questões. A Escala Likert é uma escala unificada que por meio dela é possível identificar o sentido e a intensidade da atitude e o uso dela em algumas das questões apresentadas foi justamente para compreender o grau de importância de certos serviços para os discentes que pudessem vir a existir dentro de uma biblioteca. O uso deste método foi escolhido uma vez que dentre outras ferramentas de mensuração é um formato mais aceito e confere maior credibilidade ao processo de mensuração.

Foram utilizadas categorias de análise diante das respostas obtidas por meio do questionário; *perfil dos usuários, práticas informacionais (necessidades e comportamentos), produtos e serviços (avaliação e proposição)*. Quanto ao *perfil* dos que responderam as questões; os discentes cursam Letras/Libras, são surdos e ouvintes, do sexo masculino e feminino, com idade entre 19 e 41 anos, que estão em sua primeira graduação e fazem uso frequente da biblioteca estudada. Quanto às *necessidades informacionais*, os mesmos abordaram a relevância em existir um acervo que apresente um maior conteúdo voltado para a cultura surda e contextos solicitados em sala para estudos dentro da abordagem voltada para eles. A ausência desses pontos reflete no comportamento deles, uma vez que por não terem seus problemas ou dúvidas sanados pela unidade buscam apoio de amigos ou pesquisam em outros meios. Quanto às *práticas informacionais*, os discentes salientaram a relevância em existir dvd's legendados, livros sobre a cultura surda e principalmente materiais impressos e sinalizações claras, como monitores informativos com janela de Libras, o que reflete na inexistência da acessibilidade comunicacional uma vez que a ausência de monitores com janela em Libras, bem como de um profissional que utilize da língua para se comunicar com eles foi algo bastante apontado, sendo expressa enorme frustração quanto ao fato de que muitas vezes os funcionários utilizarem de gestos e mímicas para falar com eles. No que diz respeito aos *produtos e serviços*, os discentes que responderam ao questionário disseram utilizar apenas o empréstimo, a pesquisa online e consultas locais frente aos serviços ofertados pela unidade estudada. Informaram que o espaço é bom e alguns funcionários são legais, mas existem pontos que precisam ser revistos. Muitos deles informaram utilizar o Núcleo de Acessibilidade (NACE), por ser um espaço que os acolhe e os informa sobre seus direitos, bem como os

auxilia em suas necessidades de informação quanto aos contextos de estudo, mas nem sempre há uma intervenção direta do núcleo quando à necessidade de serviços por parte da biblioteca.

Muitos são os serviços que podem estar sendo adequados às necessidades dos discentes surdos que frequentam as bibliotecas, e as práticas informacionais contextualizadas dentro de uma biblioteca reflete em um movimento que busca capturar as disposições sociais e coletivas, assim como as elaborações e perspectivas individuais de se relacionar com a informação (ARAÚJO, 2017). Para colocar de forma mais objetiva os respectivos serviços dentro do presente estudo, usamos o formato abordado por Harlan (2012) realizado por meio de um estudo empírico com estudantes adolescentes e criadores de conteúdo que identificou aquilo que é chamado de “Experiência da Informação e Ações de Informação”, derivando da interação entre essas duas dinâmicas um modelo que identificou cinco práticas informacionais dentro de perspectivas organizadas, claras e sucintas nas quais podemos organizar as práticas abordadas dentro de um contexto voltado para os discentes surdos. As cinco práticas elaboradas por Harlan (2012) foram adaptadas para o contexto e objetivo do estudo, sendo elas:

- **Conhecer a comunidade surda:** Aqui a autora deixa clara a importância em conhecer o grupo estudado, conhecer suas regras, normas e papel. No âmbito do contexto abordado, bem como do grupo ao qual o trabalho se direciona, um estudo das políticas públicas voltadas para esse grupo, assim como entender sua cultura e a importância de serviços que os represente nas unidades. Exemplos: a Lei de Acesso a Informação, Lei de Inclusão e Acessibilidade, e História da Comunidade Surda;
- **Negociar a estética:** disposição de produções que falem e tornem visível a cultura surda, por meio de materiais especiais;
- **Negociação de controle:** se colocar a disposição para interagir com a comunidade e conhecê-los, entender seus costumes e criar conteúdos voltados para eles dentro da unidade, de acordo com a língua e materiais que eles entendem e compreendem;
- **Negociação das capacidades:** por meio de interações e troca como; apresentar capacidade e habilidades para lidar e criar conteúdos voltados para eles;
- **Representação do conhecimento:** o resultado das três perspectivas anteriores, resultando em ferramentas informacionais e também ações de reflexão, modelagem e composição do espaço voltado para esse grupo também. Exemplos: Livros sobre a história do surdo, dvd's legendados,

presença de bibliotecários que utilizem a Libras como meio de comunicação, monitores com informações visuais, vídeos informativos com a tradução para a Libras e sinalizações claras.

Por meio de todas as respostas obtidas pelo questionário (entre abertas e fechadas), foi elaborada uma tabela com possíveis propostas de produtos e serviços que, com base nessas respostas, poderiam ser inclusos e postos em prática pela Biblioteca Joaquim Cardozo. A seguir o Quadro 1:

Quadro 1 – Produtos e Serviços Propostos com base na perspectiva dos usuários

PRODUTOS E SERVIÇOS PROPOSTOS COM BASE NA PERSPECTIVA DOS USUÁRIOS

Presença da Libras: Bibliotecário ou funcionário que saiba e use da língua para comunicação. Ou mesmo um grupo de bolsistas do curso de Letras/Libras que possam auxiliar no atendimento dos sujeitos surdos.

Orientação ao uso do acervo e visitas dirigidas: Criação de um cronograma que inclua uma vez no mês a visita de grupos de discentes surdos e orientação realizada por um profissional da área utilizando a língua para comunicar sobre o funcionamento, serviços e produtos da biblioteca.

Presença de Monitores: A presença de monitores é algo muito importante uma vez que, por serem informativos, antecipam o contexto quanto às novidades, mudanças e serviços na biblioteca, integrando os discentes de forma mais autônoma.

Acervo mais robusto quanto à produções voltadas para a comunidade: É importante que no acervo exista a presença de livros que falem da cultura surda, da língua, de seu alfabeto e escrita, da história desse grupo. Isso expressa não apenas o respeito por parte da unidade, mas pode vir a despertar o interesse de outros discentes em estudar e compreender a cultura desse grupo.

Sessões de documentários sobre arte e cultura legendados: A presença de sessões de filmes que abordem contextos de ambos os grupos (ouvinte e surdos) teria incentivo quanto a relação desses grupos, por iniciativa da unidade, abrindo espaço para a convivência e presença na biblioteca de ambos, favorecendo a troca de vivências e experiências.

Sinalizações por meio da Tecnologia Assistiva: Diante do resultado quanto às sinalizações, bastante visível, o uso de luzes que sinalizem o balcão de atendimento, ou qualquer outro serviço que precise de espera e ordem. A sinalização do acervo (classificação) também poderia ser traduzida para libras de modo a facilitar a encontrabilidade do acervo e a autonomia desses usuários no momento de busca.

Parcerias com o NACE: A biblioteca poderia pensar em parcerias com o NACE no sentido de melhor atender seus usuários surdos, criando projetos e ações que tenham a acessibilidade comunicacional e atitudinal como foco, bem como treinamentos e capacitações para os

servidores que atuam na biblioteca como forma de diminuir as barreiras de acessibilidade com esse grupo de usuários nessa biblioteca.

Fonte: Elaborado pelas autorias (2020).

Essas proposições, como dito anteriormente, foram pensadas com base nas respostas, concernentes às conclusões de muitos trabalhos que também já trazem essa reflexão, elas complementaram essa compreensão. Dentro dos problemas apontados pelo resultado do questionário e com base neles surgem essas propostas que podem ser pensadas, ajustadas e possivelmente implantadas na biblioteca, uma vez que se mostraram bastantes presentes nas respostas dos discentes quanto à ausência de serviços voltados para eles. Todas as proposições refletem também as categorias de práticas informacionais elaboradas por Heller (1992) que refletem as questões de identidade e valor, por serem “uma expressão e uma resultante das relações sociais” (ARAÚJO 2017, p. 221).

A presença da Libras em um espaço que em seu meio de vivência apresenta sujeitos surdos é algo crucial para os serviços de referência da biblioteca, o uso de seus produtos e serviços e uma boa relação com esses sujeitos. Esse foi um dos pontos mais relevantes, visto que por meio dele avançaríamos boa parte do caminho quanto aos decretos, leis e o mais importante, os direitos dessas pessoas e a prática incisiva da acessibilidade que falta quanto à atitude e comunicação. A orientação quanto ao acervo aproximaria e estreitaria a relação desses discentes com a biblioteca, uma vez que pessoas com deficiência não são incapazes e a cada dia veem mostrando mais e mais que são capazes de se posicionar e interagir podendo agregar e somar com seus conhecimentos e ideias. Tanto a implantação de orientação como visitas abarcam essas possibilidades. Os monitores e sinalizações são exemplos claros de autonomia uma vez que a comunicação visual é importante para esse grupo e sua atuação nos espaços. Assim como as sessões de documentários ou filmes legendados, que tornaria presente a história, a cultura e a relação desses discentes surdos com discentes ouvintes, por meio de ações pós-sessão que levassem à diálogos e conversas com a intervenção de um intérprete presente.

Claro que são propostas que precisam antes serem pensadas pela unidade sobre como implementá-las ou se há a necessidade ou possibilidade real, uma vez que a biblioteca passou por problemas recentes e ainda se recupera, bem como se encontra parada quanto à presente pandemia. Mas, são questões que podem ser pensadas para que ocorra uma melhora do espaço e os produtos e serviços da

biblioteca, dentro da necessidade do público ao qual se dirige e tem por foco que são os discentes do centro no qual está localizada e nessa unidade em específico é preciso haver clareza quanto á presença de serviços para esse grupo de forma que eles percebam que a biblioteca está aberta e acessível, não intuindo a segregação ou isolamento, mas a inclusão de todos quanto ao seu papel e objetivo.

7 Considerações finais

O presente estudo nos trouxe uma reflexão a respeito da vivência acadêmica de sujeitos surdos dentro das bibliotecas universitárias por meio de questões que envolvem o âmbito da inclusão e acessibilidade dentro dos produtos e serviços de uma biblioteca. Nosso ponto de partida ao identificar a crescente demanda de discentes surdos que a cada ano ingressa na universidade foi como as bibliotecas universitárias estavam lidando com essas questões de inclusão e acessibilidade com os discentes surdos, onde foi determinado discutir as práticas informacionais direcionadas aos sujeitos surdos como elemento de inclusão na Biblioteca Joaquim Cardozo da UFPE, o que foi considerado quase inexistente dentro da unidade uma vez que a mesma não apresenta serviços e produtos claros voltados para esse grupo. Diante do presente momento que vivenciamos, como citado anteriormente sobre a demanda de discentes surdos que ingressam na academia, é interessante, ao mesmo tempo que triste, perceber que bibliotecas acadêmicas que deveriam realizar estudos e pesquisas quanto aos serviços que oferece para identificar possíveis problemas e buscar soluções e adaptações em seus espaços, não estejam fazendo por onde e é nesse contexto que se enquadra a biblioteca estudada uma vez que ela tem no seu quadro de usuários pessoas surdas e não busca inovar ou refletir sobre políticas de acessibilidades voltadas para o seu público de pessoas com deficiência em prol de possíveis mudanças para tornar o espaço inclusivo, o que demonstra e caracteriza a inexistência das diversas tipologias e suas respectivas funções nos ambientes de informação.

Ou seja, o estudo nos proporcionou compreender e discutir as práticas informacionais direcionadas aos sujeitos surdos e descobrir que elas são escassas na unidade estudada uma vez que a própria instituição acadêmica não busque se relacionar mais com esse public, e buscar ouvir e incentivar esses espaços (bibliotecas) e os seus profissionais à criarem novas formas e métodos dentro de políticas que abordem a acessibilidade e suas especificidades. Foi percebida também a importância que existe no papel dos estudos de usuário

para se atualizar quanto à esses discentes e que esses estudos nos auxiliam muito quanto a abordagem das categorias existentes nas práticas informacionais que falam sobre a possibilidade de refletir a inclusão por meio das acessibilidades especificadas no decorrer do estudo (comunicacional, atitudinal e instrumental) dentro desses espaço e em conjunto com as categorias de práticas relacionadas à individualidade e genericidade que refletem o valor e a identidade desses discentes, que por meio de suas respostas alegaram ser importante haver livros que falem sobre sua história e cultura, e com contextos voltados para eles e dentro de assuntos que reflitam a identidade deles. Como uma das portas de entrada para a tomada de iniciativa em unidades de informação, por meio do estudo de uso e usuário, usuários esses que se expressam dentro de seus comportamentos peculiares e necessidades de informação e que muitas vezes se tornam invisíveis diante de tantas demandas voltadas para as mudanças que a sociedade vem enfrentando, a compreensão daquilo que sejam as práticas informacionais nos possibilita ajustar nossos serviços para suprir o mínimo que seja a necessidade informacional daqueles que se dirigem as nossas bibliotecas. Como dito, as práticas informacionais são a busca pela informação pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que se compreendam os usuários e a informação em espaços diferentes, porém recíprocos. Especificamente aqui, tratamos dos sujeitos surdos e identificamos que dentro da unidade estudada ainda é preciso muito diálogo sobre a acessibilidade dentro de suas tipologias para compreender as novas demandas de discentes que a academia recebe e por meio disso, procurar por novas possibilidades e adaptações de seus espaços e serviços. Sendo assim é importante que em uma biblioteca que lida com sujeitos surdos e está localizada em um centro que apresenta um curso para os mesmos, com discentes surdos circulando em seu entorno tenha a existência de produtos e serviços que expressem as práticas informacionais solicitadas por eles e para eles. Para além desses detalhes é importante salientar a necessidade desses espaços apresentarem mais empatia na interação com sujeitos surdos, pois a ausência de um intérprete fixo ou de um profissional da própria unidade que use da Libras para se comunicar é algo que foi bastante pautado e com as leis e os decretos que reforçam o direito à educação e todo o seu contexto dentro das instituições universitárias, incluindo as bibliotecas, impressiona que não haja profissionais que não utilizem da língua para comunicação com esses discentes. O estudo serve para que a biblioteca reflita quanto à essas mudanças sociais e reveja seus produtos e serviços, de forma que exista significado quanto a presença dela em um espaço que possua em seu entorno ouvintes e pessoas

com deficiência, que faça jus as leis e direitos de cada um. A prática inclusiva é memorável a partir desse ponto, onde espaços diferentes buscam pela reciprocidade e expressem-na por meio de ações também. Diante das descobertas realizadas por meio do estudo podemos identificar que existem diversos grupos ainda não alcançados ou pouco enxergados, destacando aqui os sujeitos surdos que frequentam a Biblioteca Joaquim Cardozo e ainda que a mesma esteja em uma academia de referência que também precise rever suas ações quanto a esse público e seus espaços, existe muito a ser feito e inserido para se enquadrar no perfil de uma biblioteca acessível.

Referências

- ALBRES, Neiva de Aquino. **História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS**. 2005. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=60>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p.9-32.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Os estudos em práticas informacionais no âmbito da Ciência da Informação. *In*: ALVES, Edvaldo Carvalho; BRASILEIRO, Fellipe Sá; CÔRTEZ, Gisele Rocha; MELO, Daniela Alves de. (orgs.). **Práticas Informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020, p.21-73.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são “práticas informacionais”? **Informação em Pauta**, v. 2, n. esp., p. 217-236, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655> Acesso em: 28 abr. 2022.
- ARAÚJO, Ana Rafaela Sales de; OLIVEIRA, Rebecca Maria de Freitas Sousa; BEZERRA, Midinai Gomes. Serviços de Informação em bibliotecas universitárias: estudo comparativo entre bibliotecas de instituições de ensino superior da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/822> Acesso em: 14 abr. 2022.
- BERTI, Ilemar Christina Lanson Wey; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando?. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 389-401, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31462> Acesso em: 14 abr. 2022.

BRITO, Lucinda F. *et al.* (org). **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEESP, 1998. v3. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-27078/educacao-especial-lingua-brasileira-de-sinais--serie-Atualidades-pedagogicas-4---volume-iii> Acesso em: 14 abr. 2022.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003. Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm Acesso em: 14 abr. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

CGOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GOMES, Henriette Ferreira. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 85-99, jan./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/187> Acesso em: 14 abr. 2022.

HARLAN, Mary Ann. **Information practices of teen content creators: the intersection of action and experiences-a grounded theory study**. Tese (Doutorado em Sistemas de Informação) - Queensland University of Technology, Queensland, 2012. Disponível em: https://eprints.qut.edu.au/57125/1/Mary_Harlan_Thesis.pdf Acesso em 14 abr. 2022.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo de Educação Superior, 2019. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf Acesso em: 28 abr. 2022.

MACEDO, Neusa Dias; DIAS, Maria Matilde Kronka. Subsídios para a caracterização da biblioteca universitária. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 25, n. 3/4, p. 40-48, jul./dez. 1992. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/19219> Acesso em: 14 abr. 2022.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio. **Manual de linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MIRANDA, Sulamita Nicolau de; MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. Bibliotecas universitárias e a acessibilidade aos usuários surdos e com deficiência auditiva. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 04-19, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/24226> Acesso em: 14 abr. 2022.

NUNES, Valfrido da Silva. Do sistema para o discurso: concepções de língua(gem) em Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin. **Revista Porto das Letras**, v. 3, n. 1, 2017.

NUNES, Marta Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.173-193, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2572> Acesso em: 14 abr. 2022.

PERINI, Mário A. Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. **ReVEL**, v. 8, n. 14, 2010. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_14_entrevista_perini.pdf Acesso em: 14 abr. 2022.

PUPO, Deise Tallarico. Acessibilidade e Inclusão: o que isso tem a ver com os bibliotecários?. *In*: PUPO, Deise Tallarico. **Acessibilidade**: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas. Campinas, SP: UNICAMP/Biblioteca Central Cesar Lattes, 2008.

PUPO, Deise Tallarico; VINCENTINI, Regina Aparecida Blanco. A integração do usuário portadores de deficiências às atividades de ensino e pesquisa: o papel das bibliotecas virtuais. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10., 1998, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFC: UNFOR, 1998. Disponível em:< <https://sid-inico.usal.es/idocs/F8/FDO24708/regina.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTA ANNA, Jorge. PEREIRA, Gleice; CAMPOS, Suelen de Oliveira. Compartilhamento de informações/conhecimento em biblioteca universitária: cooperação interbibliotecária em face das novas tecnologias. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 170-184, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/986/pdf>. Acesso em: 4 mar. 2020.

SANTOS NETO, João Arlindo dos. **Mediação Implícita da Informação no discurso dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL)**. 2014. 195f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Marília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110288/santos_netto_ja_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 14 abr. 2022.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235> Acesso em: 14 abr. 2022.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Acessibilidade:** Uma chave para a inclusão social. 2005. Disponível em: <https://www.sociedadeinclusiva.com.br/2020/05/01/acesibilidade-a-chavepara-a-inclusao-social/>. Acesso em: 05 mai. 2019.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, ano 5, n. 24, p. 6-9, jan./fev. 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/TERMINOLOGIA_SOBRE_DEFICIENCIA_NA_ERA_DA.pdf?1473203540. Acesso em: 23 fev. 2019.

SILVA, *et al.* Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação discente. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 9., 2009. Anais [...]. Paraná: PUCPR, 2009, p. 4554-4566. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3124_1712.pdf. Acesso em: 27 abr. 2022.

WERSIG, Gernot, NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. **Information Scientist**, v.9, p.127-140, 1975. Disponível em: <https://sigir.org/files/museum/pub-13/18.pdf> Acesso em: 14 abr. 2022.

Sobre a autoria

Joice Dias Costa

Mestra em Ciência da Informação, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Bacharela em Biblioteconomia e Graduanda em Arquivologia, pela UFPE.
joicosta2018@gmail.com

Hélio Márcio Pajeú

Doutor e Mestre em Linguística, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).
Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação, pela UFSCAR. Professor Adjunto
do Departamento de Ciência da Informação da UFPE.
heliopajeu@gmail.com

Artigo submetido em: 16 jan. 2022.
Aceito em: 20 mar. 2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia
Revista Folha de Rosto



✉ folhaderosto@ufca.edu.br

📷 [@revistafolhaderosto](https://www.instagram.com/revistafolhaderosto)

🐦 [@revfolhaderosto](https://twitter.com/revfolhaderosto)

Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.